



COMO UMA PRÓTESE QUE AGE EM ESPAÇOS DEFICIENTES, A ESTRUTURA SIMPLES E MODULAR SE ANEXA ÀS ESTRUTURAS PREEXISTENTES, AMPLIANDO E QUALIFICANDO OS ESPAÇOS DESTINADOS AOS PEDESTRES E AOS VEÍCULOS NÃO MOTORIZADOS.

É UM NOVO ACONTECIMENTO URBANO EM MEIO A OBSTÁCULOS NO TRAÇADO DA CIDADE, QUE TRANSFORMA A RELAÇÃO DAS PESSOAS COM ESSAS TRAVESSIAS, COLOCANDO-AS COMO OS ATORES PRINCIPAIS DESSAS ESTRUTURAS.

Existe um conceito negativo, mesmo que inconsciente, que nasce da vivência daqueles que se transpõem por viadutos a pé ou através de meios não motorizados. Uma vez que são transposições que não foram pensadas para priorizar tais modos de locomoção e subvertem o modo mais essencial de um deslocamento humano, que é o caminhar.

A travessia peatonal em São Paulo é em muitos casos um momento de desgosto, desconexão e até mesmo insegurança com o objeto em si e seu entorno. Dessa maneira parecem atuar de forma paradoxal, pois se por um lado pretendem a superação de obstáculos físicos como rios e ferrovias, causam por outro lado, fronteiras invisíveis que estabelecem limites sensíveis entre o homem e essas estruturas.

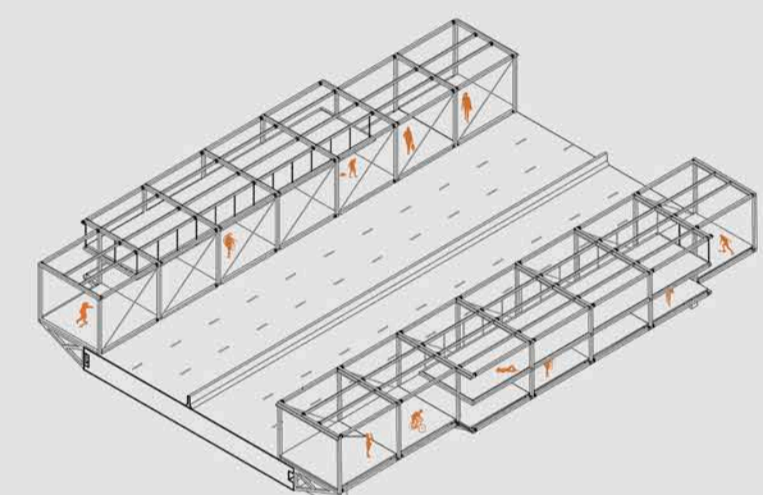
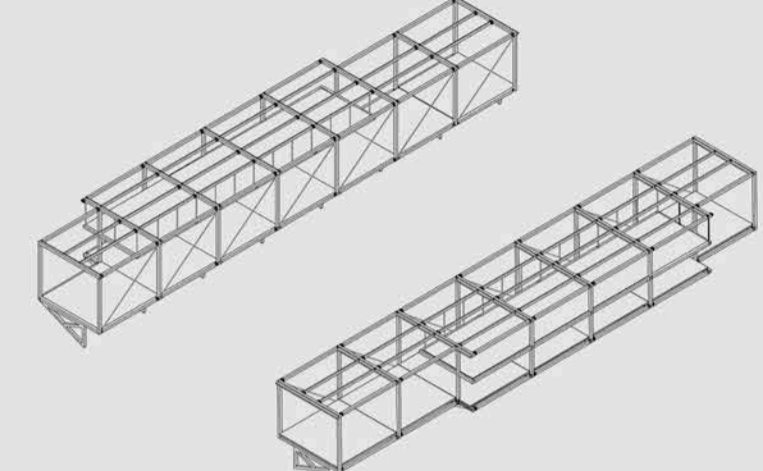
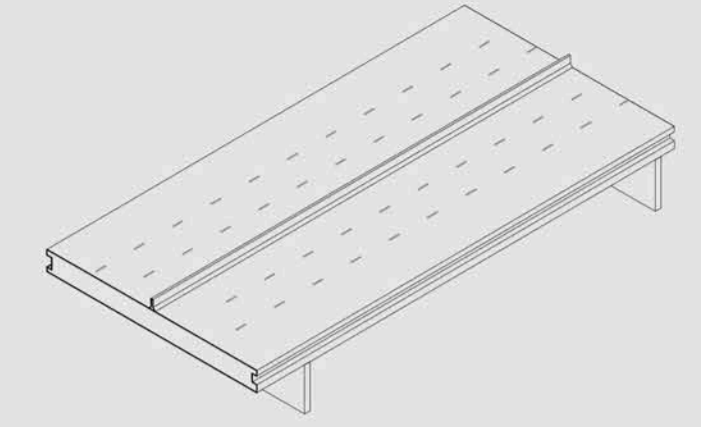
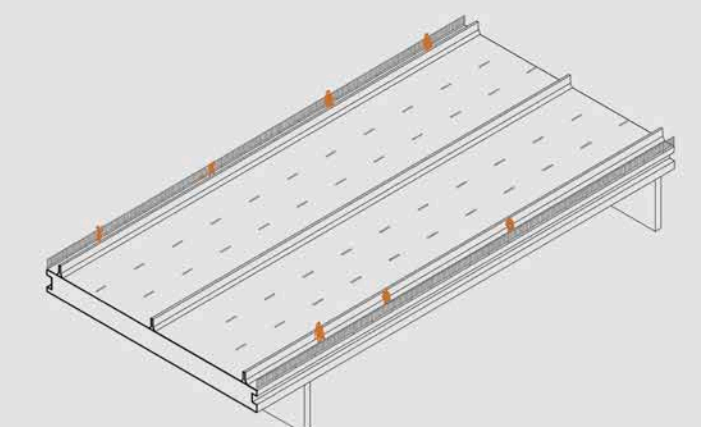
Não é difícil de se entender o porquê dessas relações perante as péssimas condições enfrentadas ao se transpor: espaços estreitos, paisagem urbana muitas vezes desagradável, poluição e barulho causados pelos veículos.

Essas condições que são oferecidas dentro das cidades vão aos poucos dando outros sentidos às relações do homem com seu espaço e gerando o que podemos chamar de não lugares, locais com os quais as pessoas não estabelecem vínculos, nem interações positivas, o percurso de uma transposição não é observado e apreciado, ele é apenas um momento necessário para sair do ponto A e chegar ao ponto B.

Os viadutos supriram muito bem as necessidades do sistema rodoviário, entretanto os reflexos dessa subversão de importâncias podem ser analisados e criticamente questionados: Porque não reverter essa situação?

A estrutura se configura como um espaço substancialmente de passagem, mas que também possibilita a permanência, interação e contemplação, através de espaços lúdicos, mirantes e mezaninos. É uma estrutura que compõe a paisagem e emoldura olhares, provocando novas relações e sensações. A intenção é causar certo impacto e trazer para estas áreas um novo sentido e urbanidade.

A travessia se estabelece como uma transição do que existe e a transformação do que está por vir. É uma solução imediata e facilmente replicável para melhoria de transposições problemáticas, mas se apresenta também como um elemento questionador, que busca despertar o pensamento, a crítica e a apropriação.



Telha de policarbonato translúcida

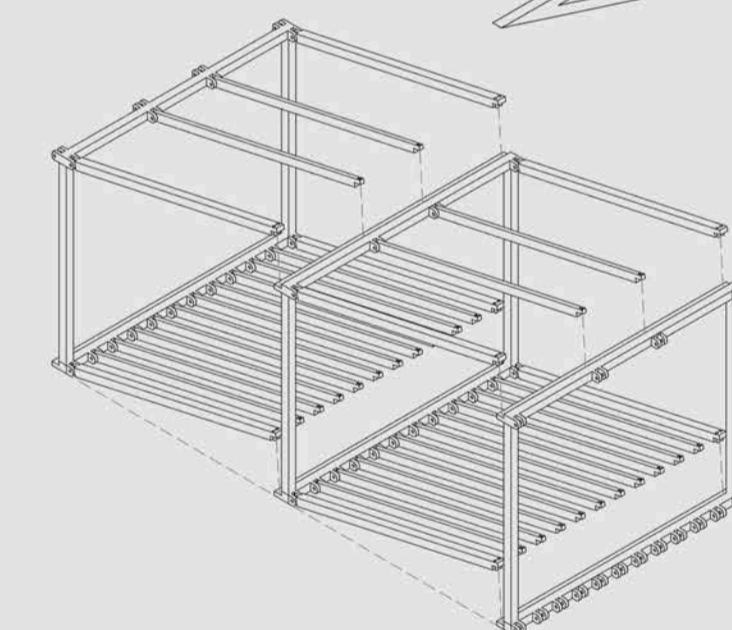
Piso de madeira

Guarda corpo barras metálicas

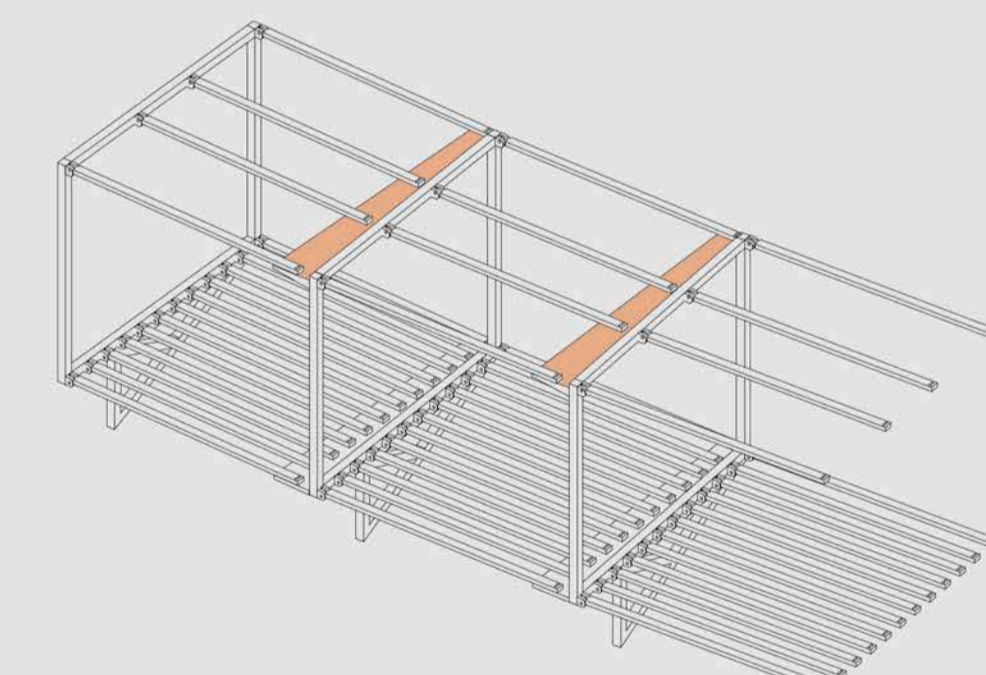
Barras metálicas

Piso em placas de concreto

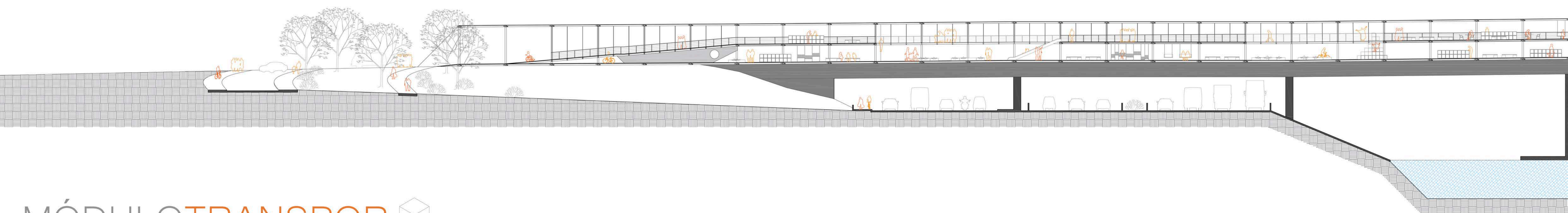
Vigas metálicas secundárias



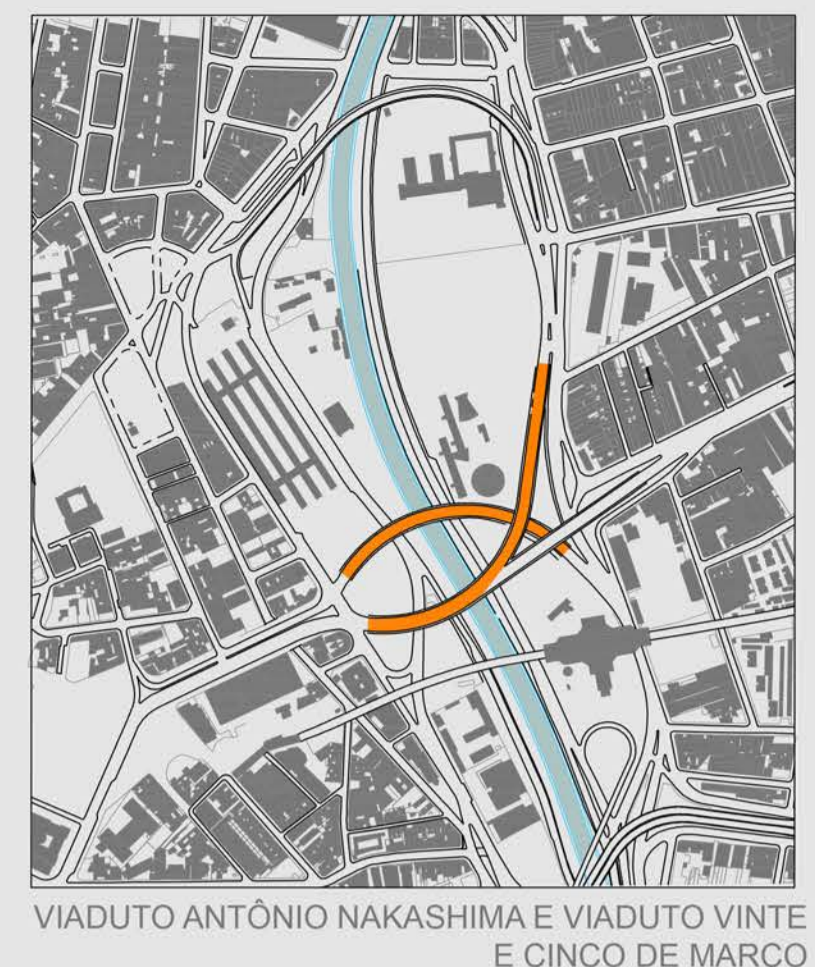
Encaixe das junções articuladas que adaptam-se à inclinação dos viadutos



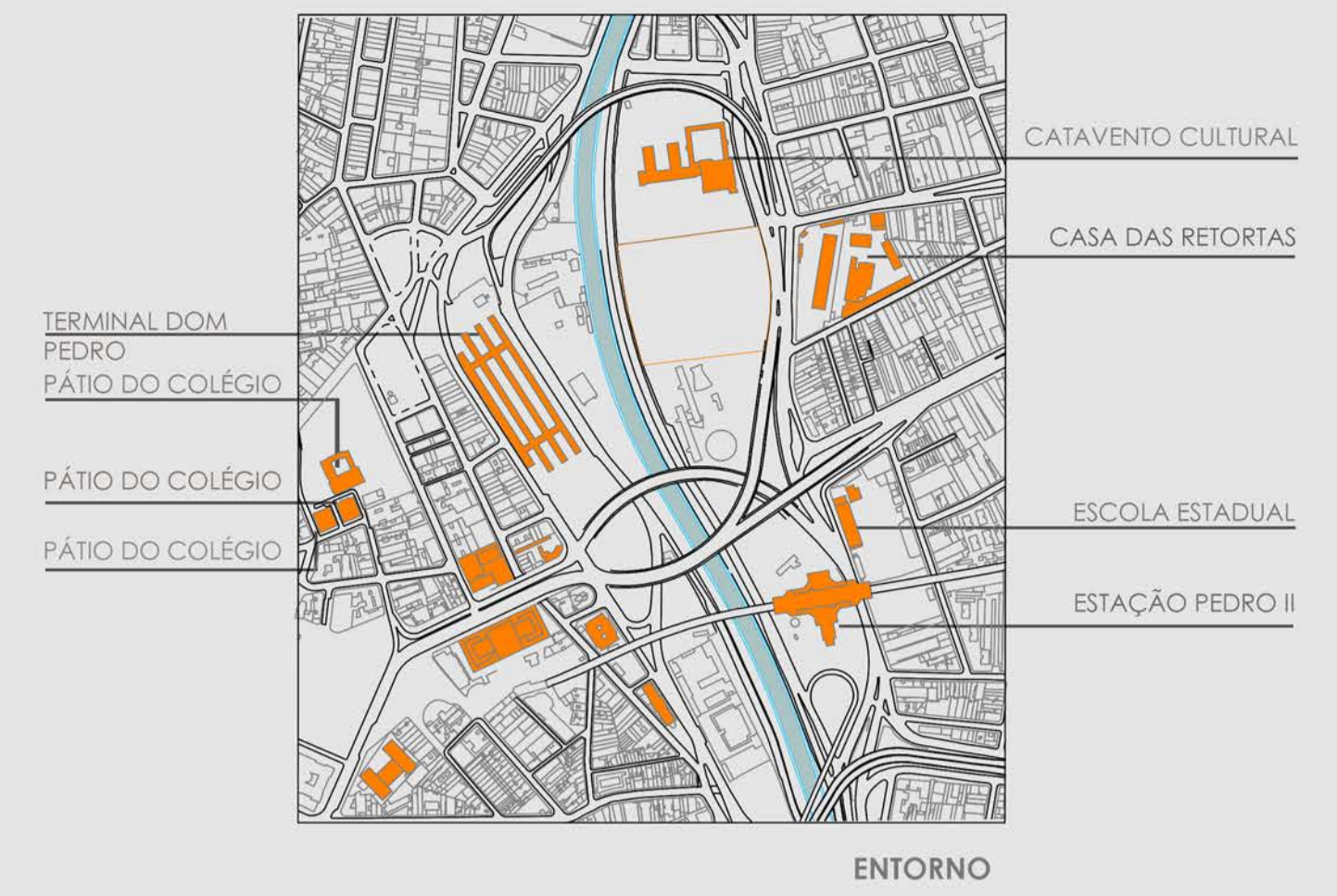
Em viadutos curvos, o módulo soluciona-se com um suporte maior, que permite diferentes angulações



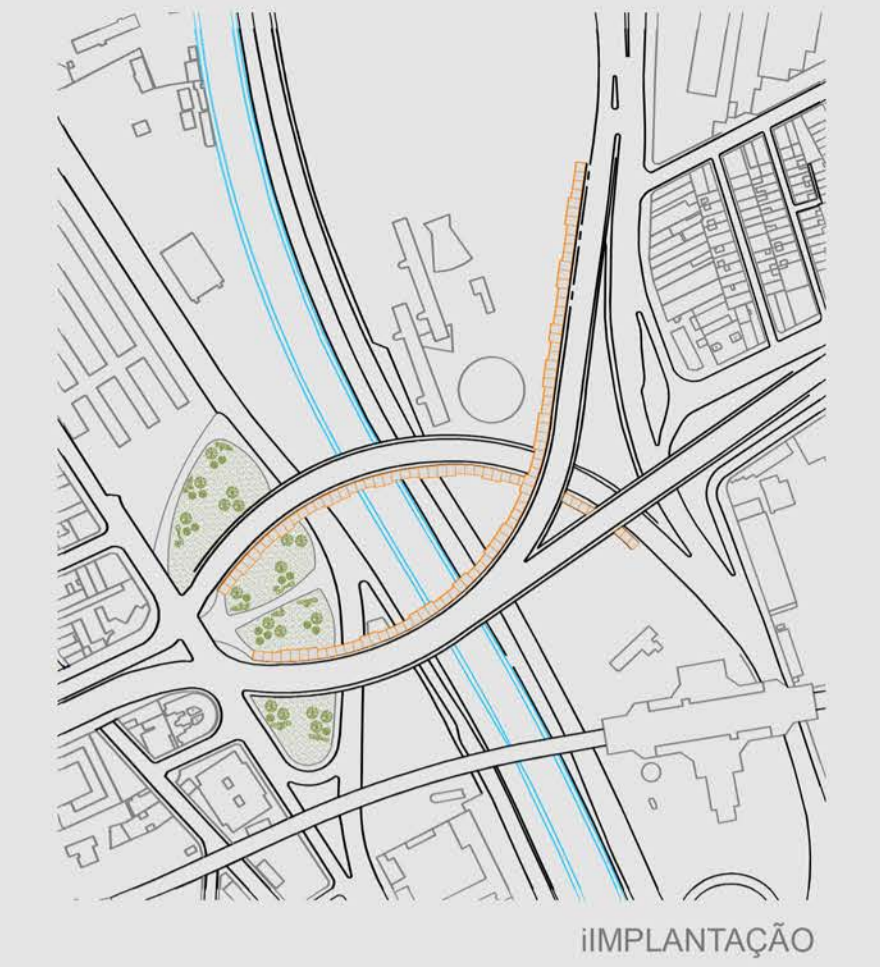




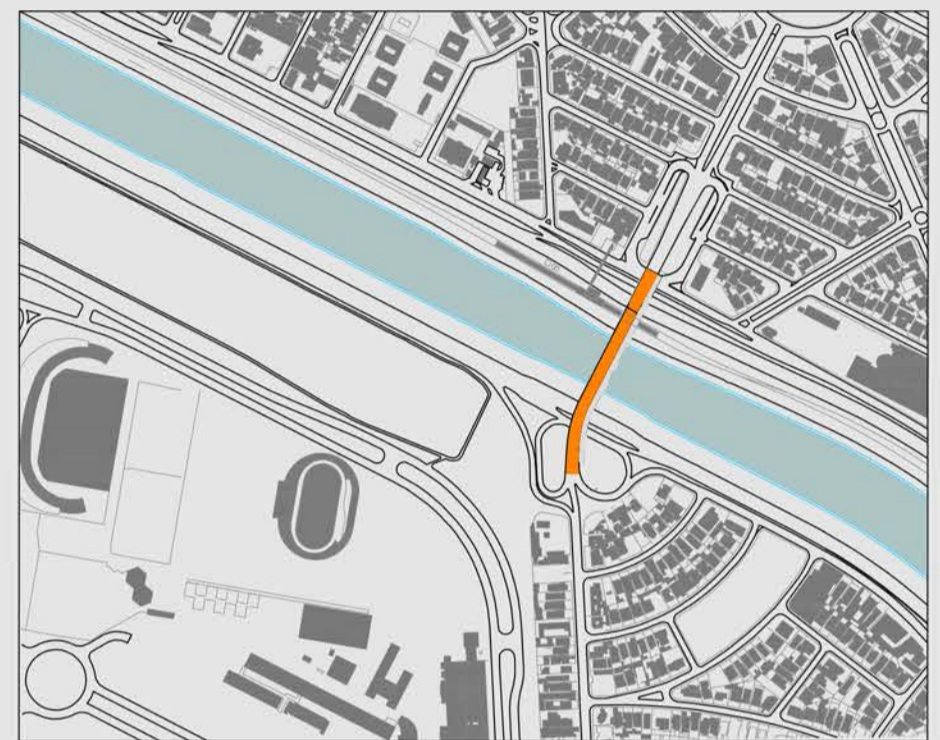
VIADUTO ANTÔNIO NAKASHIMA E VIADUTO VINTE E CINCO DE MARÇO



ENTORNO



IMPLANTAÇÃO



PONTE CIDADE UNIVERSITÁRIA



ENTORNO



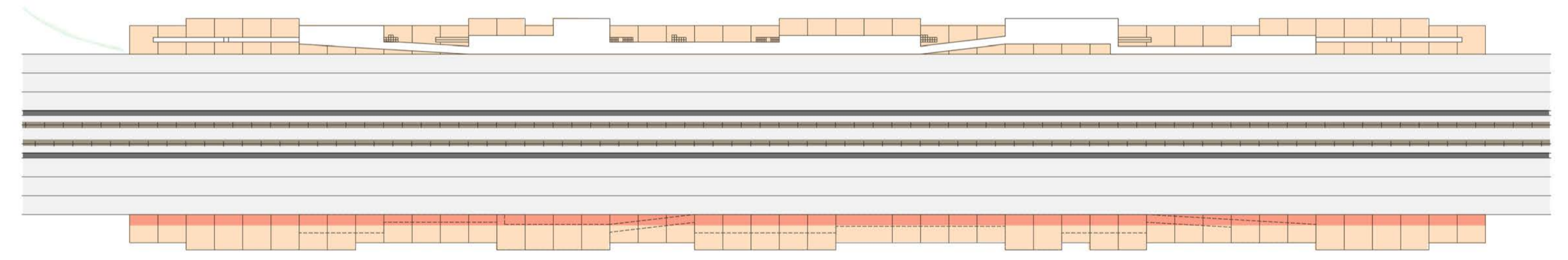
IMPLANTAÇÃO

A inserção da prótese foi estudada em três situações de viadutos, nos quais existe um fluxo intenso de pessoas devido a equipamentos importantes em seu entorno. As três situações apresentam áreas verdes residuais que são fruto dos nós viários, o que permite que a estrutura seja implantada com acesso por esses espaços, requalificando-os.

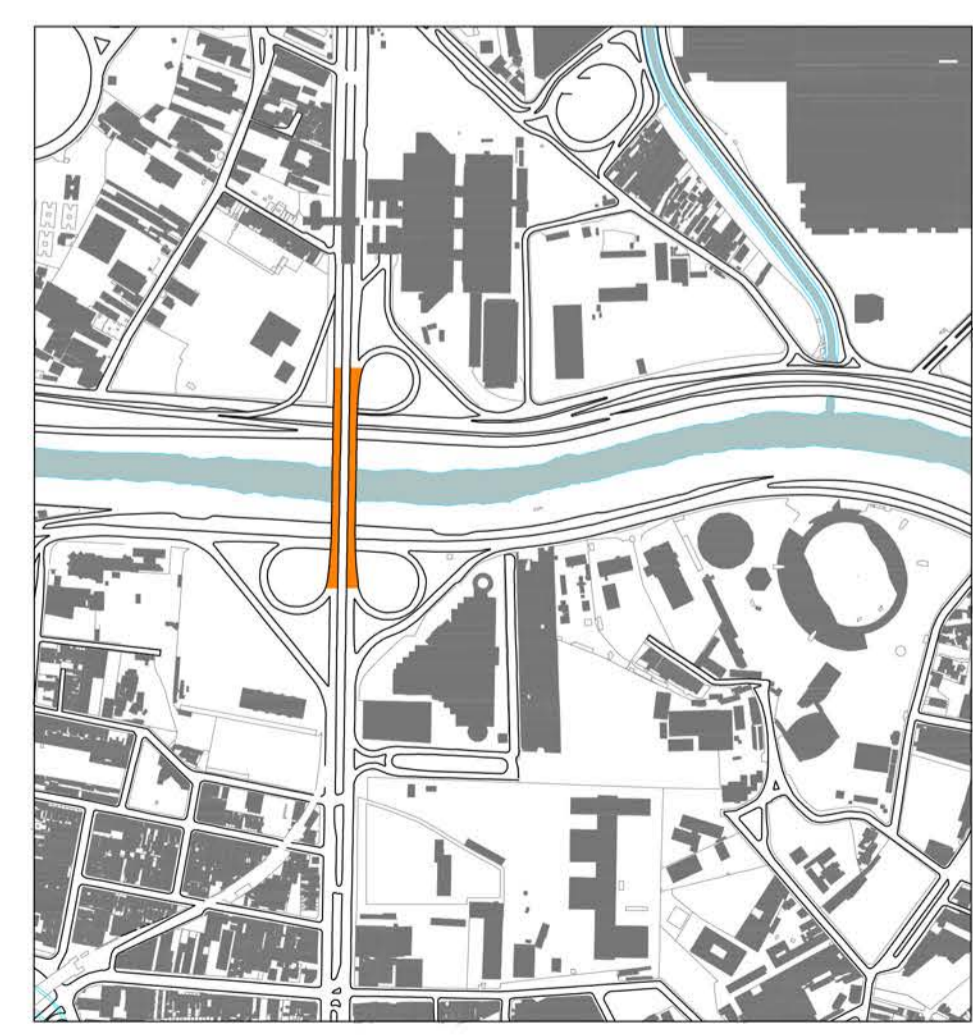
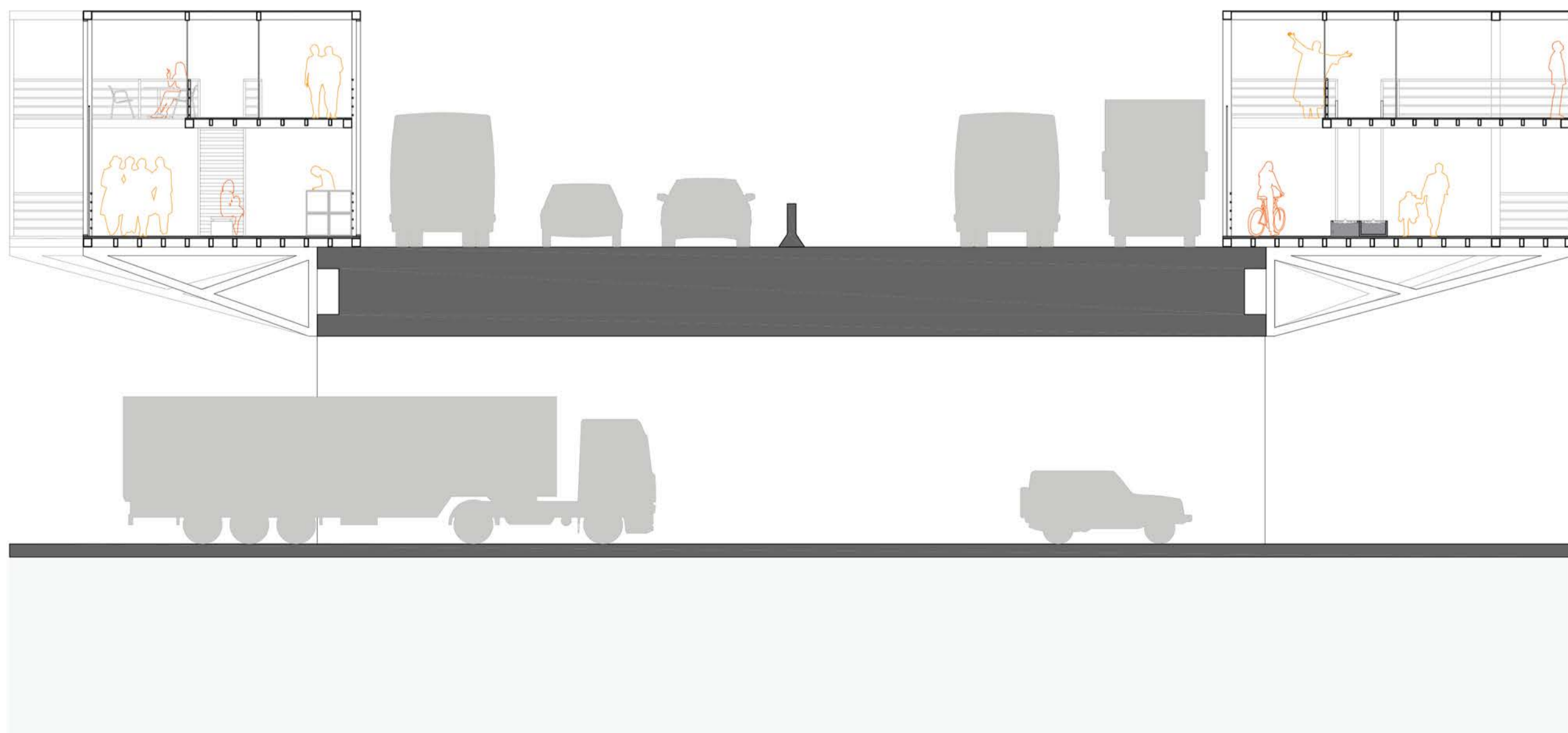
As situações selecionadas foram: Ponte Cruzeiro do Sul situada próxima ao Terminal Rodoviário Tietê; Viaduto Antônio Nakashima e Viaduto Vinte e Cinco de Março que estabelecem conexão entre o Terminal de ônibus D. Pedro e a estação de metrô Pedro II; e a Ponte Cidade Universitária que localiza-se entre a estação da CPTM e Universidade de São Paulo, além de apresentar uma ciclovia de uso intenso ao longo do Rio Pinheiros.

Cada viaduto apresenta suas especificidades e o presente projeto pretende se adaptar às diversas situações, através de mecanismos articuláveis e de fácil montagem. Sua sustentação se dá parte em apoio no próprio viaduto e parte é suportada por grandes mãos francesas fixadas nas vigas das extremidades do viaduto.

Os módulos alternam em dois tamanhos estabelecendo espaços de permanência e contemplação. Ao longo da travessia há possibilidade de subida a um mezanino que propõe espaços de maior permanência. Além disso, não há apenas formas convencionais de se transpor de um nível ao outro, como rampas e escadas, brinquedos lúdicos ocorrem, como escorregadores, canos de bombeiros, "trepas-trepas" e no térreo, bancos interativos.



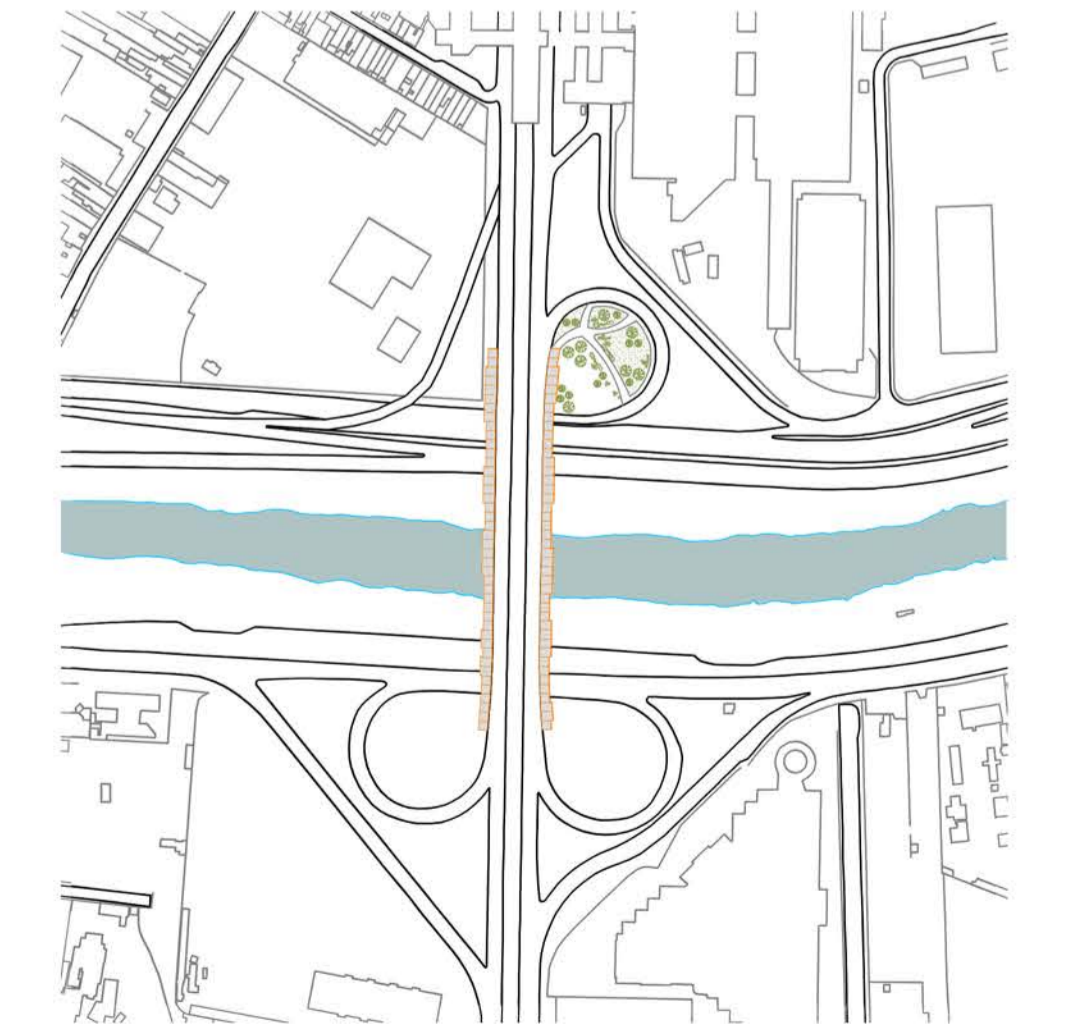
PLANTA ESQUEMÁTICA PONTE CRUZEIRO DO SUL



PONTE CRUZEIRO DO SUL



ENTORNO



IMPLANTAÇÃO